

Poluição transformou baía de Vitória numa fossa

Vera Caser

Como Vitória é uma ilha, o destino de todo o esgoto produzido no município é o mar. Um mar que recebe uma carga diária de 90 milhões de litros de despejos domésticos brutos. Isso sem falar nos resíduos industriais e provenientes de navios. Águas contaminadas e ausência de vida aquática são resultados constatados em vários pontos das praias da capital. A Baía de Vitória não passa de uma grande fossa, de onde foram eliminadas todas as espécies vegetais. A causa principal desse quadro desolador não é outra senão a inexistência de sistemas de esgotamento sanitário. Em Vitória, apenas o bairro Santa Teresa dispõe desse serviço, que atende a três mil pessoas.

Vitória, uma senhora que completa nesta semana 438 anos, tem poucos bons exemplos a dar aos municípios capixabas recém-emancipados. O pior deles talvez seja a praticamente inexistência de um sistema de esgotamento sanitário completo (com tratamento final dos resíduos). Apenas três mil pessoas da capital — moradoras do bairro Santa Teresa — contam com esse serviço, o que representa 1,08% de uma população de 277.269. A consequência da falta de saneamento básico é desastrosa: 90 milhões de litros de esgoto bruto despejado na baía de Vitória e na Praia de Camburi todos os dias.

Além do sistema de Santa Teresa, existem somente redes coletoras do esgoto em parte do centro — construídas por Jerônimo Monteiro no início do século —, Bairro de Lurdes, Jardim da Penha, Mata da

do: “O esgoto não é um problema só da Cesan, mas afeta todos”.

O custo mínimo de uma fossa (com a instalação) foi estimado por ele em NCZ\$ 800,00. O fator financeiro é um empecilho reconhecido pela Cesan e pela municipalidade. “A solução definitiva está no sistema coletivo, uma vez que não há como obrigar quem já ocupou a implantar o sistema individual, devido a problemas de custo, espaço e falta de consciência. O morador não vai operar a fossa, e o problema ressurgirá”, admite Roberto Antonio Bianchi, chefe da Divisão de Projetos de Esgotos da Cesan.

A atual administração está aumentando

de carvão. O secretário estadual do Meio Ambiente, Almir Bressan Júnior — que garantiu “jamais mergulhar na baía” —, revela que ela não é prioridade da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama). O problema, disse, “deve ser tratado a longo prazo, já que não é uma área balneável. Os governos municipais e estadual devem investir primeiro no tratamento dos esgotos, que atingem diretamente as praias”.

A baía de Vitória não recebe apenas os dejetos dos moradores da capital, mas é “premiada” com lançamentos pela população de parte de Cariacica e de Vila Velha, através dos rio Bubu, Marinho e Aribiri,

5% e existência de sistemas completos de esgotamento sanitário (com tratamento final dos resíduos) em todo o Estado é otimista. Os problemas extrapolam a área da capital. Em Cariacica, só funciona um sistema no conjunto Marçílio de Noronha. Em Viana, Mocambo é a única área atendida. 13 conjuntos habitacionais da Serra são atendidos, bem como 90% da população de Venda Nova do Imigrante e 100% de Aracê (Domingos Martins). Estes dois últimos ainda estão entrando em operação. No restante do Estado, a cobertura é zero.

“A solução está concebida, mas faltam recursos”, afirma Joel Henrique da Silva, diretor de Produção da Cesan. Classifican-



Os mergulhadores acharam de tudo na baía

Calcinhas e pneus no fundo do mar

Calcinhas, um penico, um quadro de Maria e José, pneus, vassouras, frascos e sacos plásticos, latas, mesas de cabeceira, pedaços de madeira de até 2 metros de comprimento, sapatos, chinelos, vergalhões, luvas de borracha, garrafas e até uma cartela de anticoncepcionais e pedaços de trilhos de ferrovia. Tudo isso e muito mais pode ser encontrado na Baía de Vitória, menos vegetação. Foi este o quadro constatado pelo mergulhador Adelman Cavalcante, da empresa Flamar, na última quinta-feira.

A GAZETA resolveu ir ao fundo do mar para ver o que tem na Baía, uma área que resiste agonizante como ponto turístico da capital. Adelman, acompanhado por dois outros mergulhadores da Flamar, Ruy Gusman e Francisco José Venerano, viu *in loco*, além de muito lixo, fezes, pó de mi-

Foto de Ailton Lopes

de Lurdes, Jardim da Penha, Mata da Praia, Maruípe, avenida Leitão da Silva e Jucutuquara. Depois de Jerônimo Monteiro, somente a partir de 1969 foram realizadas obras. De qualquer forma, os despejos são lançados *in natura* ao mar. No restante do município, o esgoto bruto vai diretamente para as galerias pluviais ou passa por um tratamento através de fossas individuais, instaladas em algumas casas ou edifícios.

Na verdade, com exceção das três mil pessoas do bairro Santa Teresa, todo o restante do esgoto acaba sendo despejado sem qualquer tratamento, uma vez que a rede coletora lança diretamente ao mar ou está ligada às galerias pluviais — o que dá no mesmo. Quanto às fossas, são um paliativo que acaba não funcionando, já que a manutenção é cara e, embora muitas vezes instaladas, são abandonadas. E o esgoto é clandestinamente ligado às galerias pluviais.

As fossas reduziram a poluição em 50% e solucionariam parcialmente o problema, enquanto não funciona o sistema coletivo de tratamento, afirmam a Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) e a Prefeitura de Vitória. Mas, a exemplo de todo brasileiro, o capixaba “empurra a responsabilidade para as autoridades, lançando o esgoto nas galerias e poluindo sua própria praia”, lamenta José Maria Motta Filho, chefe da Divisão de Tratamento de Esgotos da Cesan, frisando

A atual administração está aumentando a fiscalização sobre as ligações clandestinas e tentando obrigar o funcionamento das fossas, garante Kleber Frizzera, secretário de Obras de Vitória. Mas os problemas encontrados são muitos. “Existe uma lei estadual desde o início da década que obriga a construção de fossas com filtro biológico em todas as edificações, e a municipalidade só concede o habite-se mediante a comprovação da instalação desses sistemas”, disse.

Contudo, a fossa com sumidouro — um sistema que leva à decantação da parte sólida e à absorção da água pelo solo — não funciona em terrenos com nível de água muito elevado — predominante em grande área da capital — e em regiões com grande densidade demográfica, segundo ele próprio. “As fossas ficam cheias, a manutenção é cara e as ligações são feitas nas galerias pluviais. Estamos multando, mas não há como proibir”, confessa.

Os reflexos desta situação são os lançamentos ao mar, já que Vitória é uma ilha, cercada por praias contaminadas. Os despejos constantes e crescentes de grandes cargas de esgoto doméstico e industrial já mataram a baía de Vitória, onde não há qualquer espécie vegetal. E tendem a contribuir para o assassinato das demais praias, se medidas urgentes não forem adotadas.

Além dos despejos domésticos (90% do problema), a baía de Vitória recebe lixo, efluentes industriais, óleo e pó de minério e

através do rio Bubu (Marinho e Aribiri, do Córrego Piranema (Itaquari, Cariacica) e do Canal da Costa. Todos deságuam nela, conduzindo altas concentrações de esgotos domésticos e resíduos industriais. O rio Santa Maria não deixa de “contribuir”, trazendo agrotóxicos usados nas culturas agrícolas da região de Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina.

“A baía de Vitória está assoreada pela grande carga orgânica que recebe”, revela Mário Broetto, do setor de Controle da Poluição da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. A redução da profundidade da baía provoca a eliminação da vegetação e a redução da concentração de oxigênio na água. “Com isso, muitas espécies de animais também não conseguem sobreviver”, disse, alertando: “Os peixes que sobrevivem estão contaminados, principalmente por coliformes fecais”.

Broetto não recomenda o consumo de peixes e mariscos capturados na região de Vitória, e avisa: “Se medidas urgentes não forem adotadas, dentro de dois anos não haverá ponto próprio para banho na praia de Camburi”. Para Kleber Frizzera, a questão da poluição deve ser tratada em conjunto pelos municípios da Grande Vitória. “Mesmo com recursos disponíveis, a solução demandaria um período de 15 a 20 anos”, prevê.

A Cesan assegura que não está parada, mas levanta um sério problema: a falta de dinheiro para realizar obras. Por causa disso, a companhia afirma que um índice de

diretor de Produção da Cesan. Classificando o serviço de esgotamento como “o mais essencial”, ele se queixa: “Estamos restringidos em função da portaria 1.469/87 do Banco Central, que proíbe a contratação de novos financiamentos para a realização de obras”. De mãos atadas, a Cesan tem de trabalhar com os escassos recursos próprios do tesouro estadual e da companhia, via tarifas, revelou, lembrando os “custos altíssimos” das obras nessa área. A empresa, segundo ele, “tem projetos para solucionar os problemas de esgoto de toda a Grande Vitória e grande parte do interior”. Para isso, há pedidos na Caixa Econômica Federal da ordem de 115 milhões de BTN's para obras de saneamento (água e esgoto).

“Sobras”

A questão do esgoto “sempre foi relegada a segundo plano pelas autoridades, quando deveria ser prioritária”, completou José Maria Motta Filho. Atualmente, segundo Joel da Silva, a Cesan está “vivendo das sobras antigas”, empréstimos contraídos antes da proibição pelo Banco Central e contrapartida do Estado no mesmo valor”.

Com as “sobras”, anunciou, “dentro de um ano a Cesan vai dobrar o índice de atendimento à população em termos de tratamento de esgoto em relação a toda a história do saneamento do Estado”. Ele fala do Plano Diretor de Esgotos Sanitários da Grande Vitória, concluído desde 1981 e com implantação iniciada em 1987.

Gusman e Francisco José Venerano, viu *in loco*, além de muito lixo, fezes, pó de minério e de carvão, óleo e lama. Isso nos três pontos escolhidos para o mergulho: na altura da ponte Florentino Avidos, do Clube Saldanha da Gama e da Terceira Ponte.

“A gente se sente pouco à vontade. A sensação de insegurança é muito grande, devido à falta de visibilidade. No escuro, você corre o risco de bater a cabeça no ferro ou na madeira”, relatou. Para Flávio Pavan, proprietário da Flamar e mergulhador profissional, o quadro “é semelhante ao do pós-guerra atômica”. A baía está totalmente morta, sem qualquer espécie de vegetação, descreveu.

Poucas pessoas conhecem tão bem a Baía de Vitória como Pavan, 36 anos, mergulhador desde os 12. O cenário, garante, “é semelhante ao de um filme de terror, devido à ausência de vida”. A cor do fundo da baía é marrom-escuro, ao contrário do colorido que está acostumado a ver em locais preservados, como Abrolhos, na Bahia.

Pavan só mergulha mesmo na Baía de Vitória devido ao exercício da profissão (faz manutenção submarina em raios). E lamenta: “Tenho de estar constantemente atento às micoses”. Ruy Gusman, que também é biólogo, também já mergulhou na Baía de Vitória e descreve o mesmo quadro: “Escuro, feio e inseguro”. “Mesmo com a lanterna, a baía oferece menos de um metro de visibilidade, enquanto em outros locais geralmente se tem de dez a 15 metros, sem lanterna”, completa Francisco José Venerano.

Nas praias da cidade, o perigo da contaminação

Frequentar as praias de Vitória é abrir caminho para a contaminação. Se a praia for Camburi, então, estará consolidado o convite ao surgimento de doenças. Tanto que quem entende de saúde e de meio ambiente quer distância do balneário considerado o cartão de visitas da capital. O secretário estadual do Meio Ambiente, Almir Bressan Júnior, não toma banho em Camburi por não considerar confiável a qualidade da água, enquanto Mário Broetto, farmacêutico do setor de Controle de Poluição da Secretaria do Meio Ambiente de Vitória, desaconselha o banho no local.

Aparentemente bela, a praia de Camburi é “temperada” com ingredientes nada benéficos à saúde humana: grande concentração de esgoto doméstico, além da poluição por minério de ferro, graxa, óleo e demais resíduos provenientes das indústrias, dos navios e dos portos. Essa situação deprimente não se restringe a Camburi: com o auxílio de uma fita métrica, talvez seja possível arriscar um dos poucos pontos indicados como próprios para banho pela Prefeitura de Vitória e pela Cesan.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente e a Cesan fazem o monitoramento semanal das condições de balneabilidade em 23 pontos das praias de Vitória desde 1986. O quadro apresentado pelo último boletim — em vigor desde a última sexta-feira até o dia 8 próximo — é desalentador:



Foto de Chico Guedes

O esgoto fica a céu aberto diariamente numa grande parte da praia de Camburi

13 dos 23 pontos estão impróprios para banho, cinco deles interditados por tempo indeterminado (ver quadro).

Quem se arriscar ao banho num desses locais estará se expondo a doenças como hepatite, infecções intestinais e micoses. O mínimo que pode acontecer é o aventureiro levar para casa um bicho de pé, alerta Mário Broetto. A poluição da praia de Camburi, segundo ele, vem aumentando

gradativamente, devido à emissão constante e crescente de esgoto.

“A região da Curva da Jurema e das ilhas do Boi e do Frade apresenta condições melhores por receber menor carga de despejos”, disse, condenando os pontos da Enseada do Suá até a região de Santo Antônio. Em épocas de chuva, a situação se agrava ainda mais, devido à “lavagem” das galerias pluviais e à conseqüente carreamento do esgoto bruto para o mar.

Balneabilidade das praias

Praia de-Camburi	Situação
1 — Em frente à bica no final de Camburi.....	Impróprio(*)
2 — Em frente ao motel Haiti.....	Impróprio
3 — Em frente à barraca Farol (150 m antes do 2º pier).....	Próprio
4 — Em frente à entrada da av. Adalberto Simão Nader.....	Próprio
5 — Em frente à barraca 14 (próximo ao hotel Aruan).....	Impróprio
6 — Em frente ao Clube dos Oficiais da PM.....	Impróprio
7 — Em frente à antiga pizzaria Bambina.....	Impróprio
8 — Em frente ao hotel Minuano.....	Próprio
9 — Canal de Camburi (50 m após o 1º pier).....	Impróprio (*)
Praia do Canto	
10 — 80 m após o Iate Clube.....	Próprio
11 — 80 m antes da ponte da Ilha do Frade.....	Impróprio
12 — 100 m após a ponte da Ilha do Frade.....	Impróprio (*)
13 — 200 m antes das barracas (Curva da Jurema).....	Impróprio
14 — Em frente às barracas da Curva da Jurema.....	Próprio
15 — 50 m antes da Ilha do Frade.....	Impróprio
16 — Praia da Castanheira (Ilha do Frade).....	Próprio
17 — Praia da Ilha do Frade (R. Des. Alfredo Cabral).....	Próprio
18 — Praia da Ilha do Boi, próximo ao clube Ítalo.....	Próprio
19 — Praia da Ilha do Boi (em frente à Ilha do Frade).....	Próprio
20 — Praia do Suá (atrás do Hortomercado).....	Impróprio
21 — Enseada do Suá (embaixo da Terceira Ponte).....	Próprio
22 — Praia de Santo Antônio.....	Impróprio (*)
23 — Canal de Camburi — Ponte da Passagem.....	Impróprio (*)

Fontes: Prefeitura de Vitória/Cesan

(*) INTERDITADO